

A linha evolutiva na obra ficcional de Eça de Queirós

JÚLIO CÉSAR DA SILVA

Professor de Literatura da Faculdade de Filosofia de Nova Iguaçu

1 – INTRODUÇÃO

1.1. Proposta de análise

O primeiro caminho para nosso estudo encontramos no texto *Para uma análise estrutural da obra de Eça de Queirós*, onde a Profa. Cleonice Bernadini destaca claramente que poderíamos considerar como tema principal da obra de Eça “a biopsia da sociedade portuguesa”.

Há, na vida do escritor Eça de Queirós, um fato que poderemos colocar em relevo. Escrevendo ao editor Chardron, (algumas cartas foram publicadas), apresenta-lhe um sonho, que pretendia tornar realidade: “a realização de uma “Comédia Humana”, em Portugal. Expôs, em muitas ocasiões, o seu amplo projeto que seria retratar, numa série de pequenos romances, alguns costumes gerais na sociedade portuguesa (jogo, prostituição) e análises de paixões humanas (o incesto, a monomania, a agiotagem) vendo sempre um lado irregular.

Estas obras que seriam “Cenas da vida portuguesa” não chegaram a receber a rígida estruturação sonhada e, como assinala a Profa. Cleonice, isto foi bom para a criação artística de Eça: “O plano, tal como o elaborara o autor, felizmente falhou e a sua obra prosseguiu, não como um conjunto de pequenas peças unívocas – cada uma a focar um problema social, cuja pluralidade só apareceria na montagem do todo, mas como uma estrutura de obras plurívocas, em que a amplitude da zona apresentada é crescente e em que o autor passa da pura agressão à sociedade, à busca de uma solução ou, pelo menos, de uma interpretação em que a sátira permaneça, contrabalançada por uma certa compreensão – aceitação, seria melhor – que lhe chega com os anos”.

Partindo desta constatação inicial: “a importância do nível social na estruturação dos romances de Eça de Queirós”, desenvolvemos nosso estudo.

Trabalharemos com cinco textos: *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio*, *Os Maias*, *A Ilustre Casa de Ramires*, e *A Cidade e as Serras*, que serão citados pelas abreviaturas: CPA, OPB, OM, ICR e CS em alguns gráficos.

1.2. A Época

Apresentaremos alguns dados sobre a época em que viveu Eça de Queirós, pois seus romances representam cenas geradas neste período de crise.

“A vida intelectual do século XIX foi mais complexa do que a de qualquer época anterior. Isto foi devido a várias causas. Primeira: a área abrangida era maior que nunca; a América e a Rússia fizeram importantes contribuições . . .

Segunda: a ciência, que havia sido uma fonte principal de novidades desde o século XVII, faz novas conquistas. . .

Terceira: a produção mecânica modificou profundamente a estrutura social . . .

Quarta: uma revolta profunda, tanto filosófica como política, contra os sistemas tradicionais de pensamento na política e na economia, deu origem a ataques contra muitas crenças e instituições que até então haviam sido consideradas como inatacáveis. Esta revolta teve duas formas diferentes, uma romântica, outra nacionalista. (Estou usando estas palavras num sentido liberal). A revolta romântica passa de Byron, Schopenhauer e Nietzsche a Mussoline e Hitler; a revolta nacionalista começa com os franceses da Revolução, passa, um tanto atenuada, aos radicais filosóficos da Inglaterra, adquire, depois, uma forma mais profunda em Marx e desemboca na Rússia Soviética”. (1)

Em Portugal, teríamos que voltar mais alguns séculos para localizar o início do período de decadência: desde o absolutismo do século XVI.

Observando a citação acima, reconhecemos como característica Portuguesa a “revolta nacionalista de origem francesa”, que penetra na terra lusa por intermédio da revolução liberal do Porto, de 1820.

Na realidade não se encontra nestas duas tendências em choque: liberal ou absolutista, um fiel representante da tradição portuguesa. Parece-nos que a estrutura política e social de Portugal não estava preparada para uma das linhas em combate. Este estado vamos tentar localizar em Eça de Queirós, pois mais importante do que localizá-lo nesta ou naquela corrente, parece-nos a constatação de uma irregularidade de direção e, de um firme estado de espírito marcado pela revolta.

Quando afirmamos que Portugal não está preso a uma forma rígida, referimo-nos às direções filosóficas destacadas no texto de Bertrand Russel: a) originada em Byron, Schopenhauer e Nietzsche; b) originada nos filósofos da Revolução Francesa e que chega ao socialismo de Marx.

Acreditamos que esta penetração socialista instaure um momento de crise e, é deste momento de crise que vamos falar.

A crise coletiva do século XIX nasce desta importante mudança: o indivíduo colocado diante do Estado. “O indivíduo, sentindo-se isolado, sem o contato com os grupos que realizam a sua vida integral, achou-se livre demais nos seus movimentos. E essa liberdade, cada vez se ampliando mais, acabou por se chocar com o Estado, criando assim um invencível conflito de ordem social, econômica e moral”. (2)

Quebra-se a autoridade da igreja, por se julgar desnecessária tal autoridade para a hierarquia social.

Mutila-se o poder do Estado, afirmando-se como preeminência a vontade popular.

Mas, em Portugal, o que resulta deste momento parece-nos uma expressão híbrida da mistura do antigo regime com a revolução constitucionalista.

2 – DESENVOLVIMENTO

2.1. O esquema estrutural e os conjuntos analisados

Partindo-se da observação “do esquema estrutural das funções cardinais (ou núcleos) da obra de Eça” teríamos, desta forma, “estabelecido os níveis sociais atingidos em cada uma”.

	Cenas da vida real			
Alta burguesia fidalguia	↓	↓	↓	↓ ICR
Alta burguesia aristocracia			↓ OM	↓ CS
Média alta burguesia		↓ OPB		
Pequena burguesia	↓ CPA			

No quadro acima, da Prof^a Cleonice Berardinelli, *in Para uma análise estrutural da obra de Eça de Queirós*, procura-se destacar:

a) A possibilidade de chegarmos à narrativa global, através dos romances, que funcionam como Macro-sequências:

b) A gradação do nível atingido da sociedade:

De pequena burguesia alta burguesia (fidalgua).

(2) Lins, Álvaro. *História Literária de Eça de Queirós*. Rio, Ed. O. Cruzeiro, 1963.

Propomos um corte inicial, pois se os romances ICR e CM atingem a “alta burguesia” (fidalguia/aristocracia); os romances OPB e CPA abrangem a “média burguesia” (alta/pequena); donde já podemos falar em dois conjuntos:

a = ICR + OM

B = OPB + CPA

Quanto ao restante: CS, pretendemos examiná-lo, separadamente, sendo nosso terceiro conjunto.

Há detalhes que podem ser colocados a uma simples leitura sintagmática da obra de Eça de Queirós.

Exemplo: o fato de seus romances não explorarem um outro nível social “classe baixa”.

Temos, em toda a obra de Eça, alguns casos isolados de histórias que tratam deste nível, como na Vida dos Santos. Encontramos, também, alguns personagens, como Juliana em OPB.

Isto não chega a representar, nas obras que estudamos: CPA, OPB, ICR, CS, uma parte significativa.

O autor poderia optar por temas que focalizassem a miséria e o sofrimento dos pobres, podendo, inclusive, ligar tal estado à deficiência na estrutura político-social-econômica da época, pois seria valorizar a crescente corrente socialista.

Entretanto, ao escolher níveis sociais mais elevados, o autor procurou retratar as falhas que abalavam a estrutura social da burguesia decadente. Neste sentido, a não abordagem da classe mais populosa, não parece uma falha, mas o resultado de uma consciente escolha.

Poderia, desta forma, o autor de CPA descarregar melhor sua “sátira”, ao criar os quadros da vida decadente da sociedade portuguesa da época. Motivo da importância deste estudo, (sátira), na estruturação dos romances de Eça de Queirós.

Um outro detalhe seria observar a sistemática e gradativa crítica à “sociedade burguesa”. Numa época em que as idéias socialistas travavam violenta luta para penetrarem e constituírem uma nova realidade político-econômica, estas críticas a um estado social decadente representam um reflexo desta filosofia socialista.

Passemos a uma breve abordagem dos conjuntos, quando procuraremos determinar a aplicação em linhas gerais, já que seria um trabalho demasiadamente longo fazê-lo em profundidade, o exame do nível sociológico nos romances de Eça.

2.2 CONJUNTO A: CPA E OPB

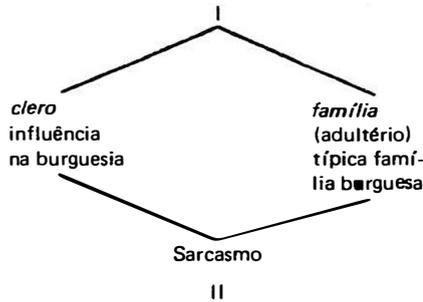
2.2.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

Encontramos em CPA e OPB os dois melhores exemplos de romances estruturados dentro dos moldes do realismo.

Não há grande novidade na estrutura dos dois romances quanto ao enredo, mas, por outro lado, ambos recortam uma face dos problemas sociais e procuram explorá-la profundamente.

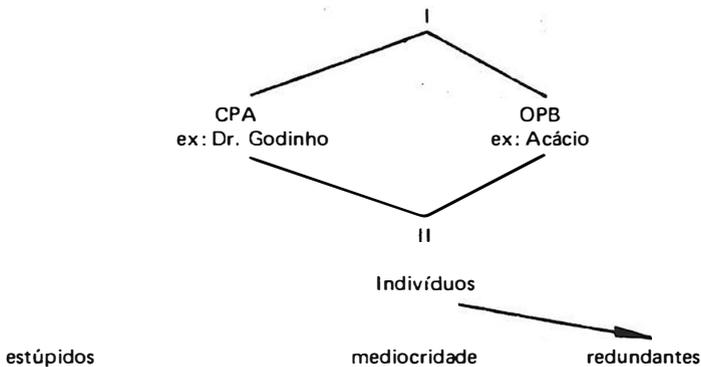
Poderíamos destacar neste conjunto:

a) Visão crítica → Sociedade portuguesa



Um dos principais traços do estilo de Eça de Queirós nestes romances é o sarcasmo, com que nos apresenta as cenas e os personagens, que atuam marcados por uma sociedade decadente.

b) Política → Sociedade portuguesa



A política resume-se a um jogo de relações interindividuais, sem chegar a focalizar grupos. O autor procura fixar-se nos “tipos”, deixando-nos por dedução a imagem do coletivo.

c) ESTRUTURA DOS ROMANCES

	CPA	OPB
1) Situação central	Pequeno quadro social que se desenvolve no interior. Influência do clero na sociedade.	pequeno quadro doméstico que retrata a burguesia de Lisboa.
2) Personagens centrais	Amaro – egoísta X Amália – vítima da sociedade.	Basílio – vaidoso – D. Juan X Luísa – vítima do sentimentalismo.
3) Elemento motivador	Formação irregular: Amaro: padre contra vontade; Amália: educada: num círculo de beatas	Formação irregular: a) Basílio: vida vazia e errante; b) Luísa: educação romântica, lirismo, sonhadora.
4) Grupo social	Comunidade de interior. Seus traços principais: – Jogos políticos – a influência do clero.	família Lisboeta seus traços principais: – intrigas; tipos – a preocupação com a moral
5) Visão satírica	Ataque ao domínio dos padres, através de uma situação em que: padre: homem:: homem: falhas	ataque à família, através de seu princípio básico: o relacionamento conjugal, a fidelidade. Situação em que o triângulo amoroso se instaura.
6) Sequências da narrativa	1) o equilíbrio da vida social 2) a ruptura desse equilíbrio 3) rompimento da situação amorosa 4) Degradação psíquica e física do personagem 5) A morte da heroína.	1) o equilíbrio da vida familiar. 2) a ruptura desse equilíbrio. 3) rompimento da situação amorosa. 4) IDEM. 5) a morte da heroína.

2.2. CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS DO TEMA ABORDADO

Se CPA e OPB são escritos com finalidade satírica e, neste caso, se a *sátira à sociedade*, fazendo-se, satiricamente, com a construção destas duas histórias, pode ser tomada como um dos principais elementos na estrutura deste conjunto, passamos a propor:

§ 1 – Que tipo de arte representa a obra de Eça?

§ 2 – Como se desenvolve a crítica à sociedade nestes dois romances?

Nosso objetivo é, refletindo um pouco sobre as questões que colocamos, formular um entendimento do que representa o nível sociológico no conjunto de obras analisadas (CPA e OPB).

a) Se apresentássemos uma base de arte marxista na construção de CPA e OPB (obra: grupo social: elementos da obra: seu todo), não veríamos com a mesma clareza o sujeito coletivo, pois consideramos o *estilo sarcástico*, com que nos apresenta os personagens e as ações, um traço individualista marcante nestas obras.

c) o autor desenvolve nestas obras uma crítica social de origem socialista, no que se constata uma agressão à sociedade burguesa decadente, através de duas colunas-bases desta sociedade: a igreja e a família.

O Estado, plantado nestas bases, fica também abalado, formando-se um tríptico objetivo:



É preciso examinarmos a proporção destas críticas, não só quanto a época, mas também quanto ao fundamento da tradição portuguesa: religiosa, rural.

EM CPA

Se o ideal de construção tem por princípio a projeção da revolta existente na época, o resultado não é tão claro.

1º) Não há uma crítica à base filosófica, ou ainda, aos fundamentos centrais da Igreja;

2º) Não se pode fixar uma crítica (nesta obra), pois o autor só explora o espaço daquela vila e, encontramos em personagens como Abade Ferrão uma antítese à imagem do Padre Amaro, sendo o abade a figura simbólica do equilíbrio.

3º) O tema mais destacado seria: “um argumento contra o celibato”. Mas a própria formação de Amaro parece diluir a força desta crítica. (Pois era um padre sem vocação e sem liberdade de escolha, quando no início da carreira, fora encaminhado pela tia).

Fica-nos: “O excesso que alguns religiosos cometem, valendo-se da educação de um povo tradicionalmente religioso”.

Com este tema e, com personagens como: Amaro, Amélia, o Cônego, etc. apesar de partir de um ideal de “arte socialista”, acreditamos que isto não chegue a receber sua plena caracterização.

EM OPB

1º) O autor procura pintar caricaturalmente um quadro doméstico, em que o adultério representa o ponto central.

2º) Assim como o fizera com Amélia, Eça de Queirós apresenta-nos, no processo de formação de Luísa, uma verdadeira causa para a falha cometida: sua educação romântica.

Podemos, então, partindo destas observações, concluir que a obra de Eça representa não um ideal de arte socialista, mas uma visão realista das falhas de uma sociedade, que estava abalada por uma intensa crise.

Para desenvolvermos a § 2 (segunda) proposição, apresentamos os quadros:

CPA

Sociedade retratada	Desenvolvimento da Crítica
a) A vida provinciana de Leiria b) Os amores: Amaro X Amélia c) Influência de uma religião deturpada pela figura de padres irresponsáveis d) O Batismo ridículo que chega às raíças da ignorância e da inconsciência	a) Formação de Amaro: padre por indicação b) Formação de Amélia: Influência dos padres c) Projeção dos desvios Amaro: visto por Amélia como figura eclesialística OBS.: Ama não só o homem, mas o padre Amélia: vista por Amaro como figura proibida: a mulher Projeta-se neste romance o homem oculto sob roupas de padre.

OPB

Sociedade retratada	Desenvolvimento da Crítica
a) Sociedade de Lisboa OBS.: Sem uma caracterização precisa, pois o ambiente burguês, caberia em qualquer capital. b) Os tipos que representam elementos desta sociedade: Basílio – amante, aventureiro Luísa – senhora sentimental Acácio – o formalismo oficial D. Felicidade – beatice Ernestinho – literato fútil Julião – profissional descontente Sebastião – um bom cidadão Juliana – a empregada revoltada c) Argumento moral contra o adultério	a) Código estabelecido p/sociedade: vínculo do matrimônio p/engenheiro: respeito às aparências. b) Código violado Adultério: amores Basílio X Luísa. Contra aparências: visitas amigas; – visitas do primo. c) Os tipos apresentados Representam a sociedade carregada de falhas. d) Crítica alcançada: A arte de juntar muitos fios num só nó e muitos nós num só desenho: o quadro social visado – a família burguesa, com seus vícios e defeitos.

2.3. CONJUNTO B: OM E ICR

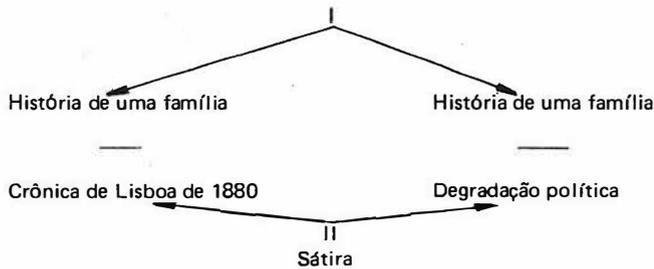
2.3.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

Destacamos em OM e ICR dois romances em que se pode observar um amadurecimento na visão crítica de Eça.

Não ligamos esta gradação ao fato de haver atingido um nível mais alto na escala da sociedade portuguesa (alta sociedade), mas pelo conjunto de tipos com que consegue representar a inconstância e a degradação político-social de Portugal.

Poderíamos, igualmente, assinalar:

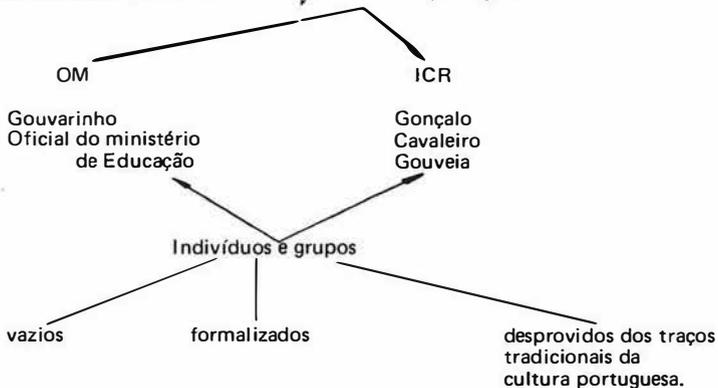
a) Visão crítica → sociedade portuguesa



Eça consegue nestes dois romances, uma imagem atenta da sociedade em que viveu e onde atuam seus personagens.

Como identidade inicial, destacamos a estrutura do OM e ICR que retratam famílias da mais alta tradição portuguesa: os Maias e os Ramires, que são atacados por atitudes de personagens como: Carlos e Gonçalo, estes são antíteses de seus antepassados.

b) Política → sociedade portuguesa



A política já não é representada somente pelos personagens-tipos, pois há movimento de grupos como no caso da eleição de Gonçalo.

c) ESTRUTURA DOS ROMANCES

	OM	ICR
1) Situação	A "boa vida" da sociedade burguesa; o ambiente requintado; o personagem que se perde no círculo destes excessos: Carlos	A alta burguesia e a decadência da tradição portuguesa. Gonçalo comete um crime contra a família em troca da posição política.
2) Personagens centrais	Carlos Eduardo — sem objetivos/vida vazia X Maria Eduarda	Gonçalo M. Ramires — a frustração do fidalgo A evolução moral do personagem (gradativa à Hist.)
3) Elemento motivador	formação sólida, mas entregue a <u>uma vida burguesa</u> , apaixona-se pela mulher, que, sabendo sua irmã, volta a procurar.	falta-lhe a tradição dos Ramires. Para autoafirmar-se cai na degradação máxima: troca honra X posição política.
4) Grupo social	Verdadeira imagem da sociedade portuguesa. Seus tipos básicos. Os vícios, as preocupações políticas	Correm paralelamente: História dos antepassados de Gonçalo (heroísmo, fidelidade, fartura) Hist. Gonçalo (covardia, infidelidade, decadência).
5) Visão satírica	Ataque ao núcleo da sociedade de Lisboa. À vida aristocrática e formal de seus membros.	Ataque à fidalguia, que não existe. Faltam os traços básicos de cultura portuguesa.
6) Gradação da História	O Incesto Carlos (vida burguesa) Apresentação Viagem	A eleição Gonçalo (degradação social) Apresentação viagem África

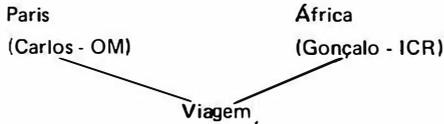
2.3.2. CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS DO TEMA ABORDADO

Ao completarmos a leitura de OM e ICR, fica-nos a idéia de estarmos analisando duas obras que se fundem, pois muitos são os traços de identidade existentes.

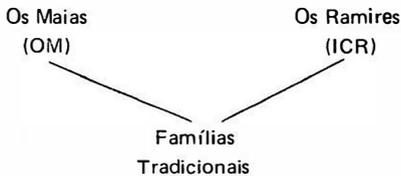
Estes elementos comuns levaram-nos a reunir tais romances no segundo conjunto. Ao falarmos em conjunto, não tiramos as características próprias de cada romance de Eça, mas apenas levantamos caminhos para estudos posteriores.

Podemos destacar como traços comuns:

- 1 — O nível social atingido (alta sociedade)
- 2 — A degradação da sociedade portuguesa
- 3 — A viagem/fuga para outras terras como ação final do personagem (Carlos/Gonçalo)



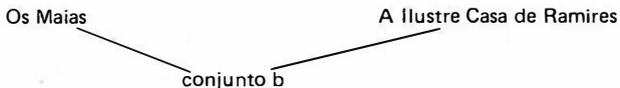
4 – A tradição apresentada das principais famílias da sociedade portuguesa



OBS.: Neste ponto retomamos nossa análise do primeiro conjunto (CPA e OPB), que apresenta como destaque os vícios e defeitos de um personagem: Amaro (CPA) / Basílio (OPB). Sendo, inclusive, personagens-títulos



Neste segundo conjunto temos em destaque os vícios e defeitos de um personagem: Carlos (OM) / Gonçalo (ICR), mas que se agigantam em oposição ao passado, à tradição que suas famílias representam:



Após encontrarmos alguns traços, que justificam nossa tentativa de reunir-mos OM e ICR num conjunto, passamos ao exame de duas questões:

- 1 – Como entender esta modificação na visão crítica de Eça, que passa a trabalhar com ambiente da alta sociedade?
- 2 – Como se desenvolve a crítica à sociedade nestes dois romances?

A evolução na narrativa de Eça de Queirós, dentro dos limites em que trabalhamos (os 5 romances), pode apresentar três faces.



Nas três faces encontramos uma constante: o grupo social a que o autor pertence, sendo contestado em sua condição decadente.

Ficássemos no levantamento deste nível social e, logicamente, nosso trabalho não teria sentido.

O que nos importa não é o exame sociológico da época retratada, mas como isso passou a se incorporar na construção artística de Eça de Queirós. E, o que é mais importante, que gradação podemos sentir em sua arte, partindo desta análise?

Já desenvolvemos em nosso trabalho algumas citações da arte marxista. Já colocamos nossa opinião que Eça não pode ser citado como um perfeito exemplo desta teoria. Mas não contestamos a base socialista que atira o autor (Eça) em constante agressão contra a sociedade decadente (burguesa).

Para os teóricos marxistas “obra literária, sujeito e objeto, de certo modo, confundem-se, pois, o sujeito (autor) integra-se no grupo social que é o próprio objeto da obra”.

Se analisarmos a situação de Eça, veremos que a agressão constante no primeiro conjunto é mais tipicamente socialista.



Eça de Queirós (desenho de João Abel Manta)

E, para o desenvolvimento desta afirmação, voltamos a Lukács, que no livro “Introdução a uma Estética Marxista” coloca a arte na categoria do particular. O singular está no domínio da experiência de cada um e não importa nem à arte, nem à crítica. O universal é domínio. Falemos no *típico* como uma concreta encarnação artística da particularidade.

Acreditamos, que a crítica social neste primeiro conjunto encontra-se bem mais dentro dos domínios do típico, e, desta forma, atendendo aos moldes marxistas de arte.

O típico pode ser definido como uma condensação de qualidades objetivas, necessárias.

Amaro, Amélia, Luísa, Basílio, Acácio, e outros são tipicações de personagens, pois trazem um resumo concentrado das determinações produzidas com necessária objetividade por determinada situação concreta da sociedade. E, desta forma, certas situações nestes dois romances (CPA e OPB) contribuem para a configuração destes personagens.

Ex:

Educação	Resultado
Amélia (influência da beatice) Amaro (empurrado P/sacerdócio)	Confunde homem/Padre No domínio os desejos da carne: homem padre
Luísa (romântica) Basílio (aventureiro)	Deixa-se iludir por um amor falso Frio, desprovido de traços familiares

Desta forma, a agressão à sociedade faz-se na base, pois ela dá condições falhas na formação dos homens.

Cada personagem representa um tipo.

Quantos Amaros, quantos Basílios distribuem suas ações em núcleos onde Amélias e Luísas facilitam tais atitudes?

No segundo conjunto temos dois elementos em jogo: *a família tradicional* e *um último representante*, que simbolicamente é o ponto máximo da degradação.

Ex: Pedro Dantas, in *Jornal do Brasil*

Os Maias/ Os Ramires

/Carlos /Gonçalo

A crítica social será, desta maneira, montada em grupos e não em indivíduos.

A satírica apresentação de personagens como Carlos/Gonçalo avulta, na medida que, paralelamente, o autor apresenta-nos traços dos antepassados.

Parece-nos residir nesta atitude crítica a mudança do autor (comparamos com o primeiro conjunto).

Aqui encontramos uma maturidade estilística e filosófica, que nos faz encontrar não só uma crítica social (destacada no primeiro conjunto) porém um outro caminho, uma tentativa de solução, um exemplo de atitude: o passado.

No passado a história de grandes homens, de nobres atitudes que contrastam com a vileza e a futilidade dos homens do presente.

Estaria o artista abrindo neste conjunto uma leitura além da crítica? Estaria mostrando os exemplos históricos como modelo?

Pensamos, que isto ocorre. E no próximo conjunto precisaremos retomar a seqüência deste raciocínio, para iniciarmos a sua análise.

OM

Sociedade retratada	Desenvolvimento da Crítica
a) Sociedade portuguesa séc. XIX b) Crônica de uma família c) Oposição: passado X presente d) Cena da redação da tarde e) "As corridas" f) Todo o ambiente de alto luxo onde se multiplicam as futilidades	a) O efeito cômico das cenas b) O desenvolvimento de dois Personagens: Afonso da Maia (Antigo Portugal) e Carlos Eduardo (agressor à honra da família) c) Fixação de tipos que caracterizam grupos sociais. Ex: Eusébio, etc. d) A crise da atitude de cada consequência. Viagem p/Paris.

ICR

Sociedade retratada	Desenvolvimento da Crítica
a) Revive duas sociedades diferentes e paralelas: — do passado e a do presente. b) As covardias e defeitos de um fidalgo (opondo-se à coragem e virtude dos antepassados) c) A eleição e sua motivação d) As bases de uma sociedade que se perdem gradativamente. (Gonçalo atualiza o desnível).	a) As duas narrativas paralelas a do autor e a de Gonçalo. b) Na medida em que narra os feitos de seus passados Gonçalo re/descobre-se. (O sangue tradicional da fidalguia volta a correr) c) Gonçalo desloca-se da história de seus antigos e descobre-se como novo homem. Reflete sobre a crise que vivera. d) Consequência: a viagem para a África.

2.4. CONJUNTO C: CS

2.4.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

Retomamos agora um pensamento apresentado na análise do conjunto b.

A evolução crítica de Eça de Queirós passa por uma etapa (conjunto a) em que ele trabalha com personagens-indivíduos, uma outra em que o autor apresenta-nos famílias e decorrente destas, um personagem (conjunto b), chegando ao que chamamos conjunto c, onde apenas uma obra está inscrita: *A Cidade e a Serra*.

Acreditamos, que nesta obra esteja desenvolvido aquele caminho, que se abre além das críticas de OM e ICR, sendo pois o vértice destes romances que marcam a tradicional vida portuguesa, estará uma possibilidade de superar a fase decadente, em que viviam.

OBS: CS foi escrito entre OM e ICR, sendo pois o vértice destes romances, que vão desenvolver a teoria de CS.

Nossa proposição básica será esta:

Vemos em CS uma narrativa de estrutura nitidamente binária, onde o nível social é aberto para dois contextos distintos: a sociedade das grandes cidades (202 – Paris) e a sociedade rural (serras).

A gradação da vitória da segunda sobre a primeira, (vitória: transformação feliz de Jacinto), será destacada através de uma análise geral da obra e, logo após, pela comprovação ao nível da linguagem.

A CIDADE E AS SERRAS

I – INTRODUÇÃO

Pode-se destacar na narrativa duas fases distintas:

- a) A cidade (capítulo 1 – 8)
- b) As serras (capítulo 8 – 16)

Que nos parecem simetricamente divididas, pois o autor emprega um espaço aproximado no tratamento dos dois temas básicos do livro: a vida na cidade e a vida no campo.

Eça de Queirós, que através de seus principais romances anteriores, procura a agressão à sociedade atinge o momento de reflexão e, o esforço para encontrar uma saída para tantos problemas.

II – LÓGICA DAS AÇÕES

- a) Cidade (1 ——— 7)

Paris

Campos Elíseos, nº 202

OBS.: E.Q. busca como símbolo da civilização Paris, não só dando autenticidade ao centro cultural da Europa como *principalmente* dando maior destaque à antítese que desenvolveria na história: cidade X campo.

a – 1 Como o livro busca um “*ideal de vida*” este é o primeiro traço que encontramos, através da filosofia de Jacinto.

“O homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado”.

– Acumular todos os conhecimentos e descobertas desde Aristóteles.

a – 2 Coube a Jorge Carlande uma codificação da teoria de Jacinto:

$$\left. \begin{array}{l} \text{Suma ciência} \\ X \\ \text{Suma potência} \end{array} \right\} = \text{suma felicidade}$$

a – 3 Teremos na seqüência da história uma aplicação e exame desta teoria. Para isto o narrador usa:

1) Breve afastamento de Zé Fernandes

2) No regresso _____ espanto diante das modificações por que passara o nº 202 (Traços da sociedade burguesa)

a sociedade se modificou

a) O elevador instalado

b) Uma estranha e miúda *legião de instrumentozinhos*

c) Um çonferençofone

d) Uma bicicleta enorme

e) O teatrofone, etc.

Temos depois a gradação da destruição deste ideal de beleza: ou através de constantes falhas das máquinas, pequenos defeitos que redundam em grandes catástrofes; ou das repetidas cenas da vida social, marcando-se pela artificialidade.

(nas cenas cômicas o autor abate, sarcasticamente, o poder destes elementos destacados da luxuosa sociedade”.)

1 – Pena elétrica quebra-se;

2 – A inundação de 202;

3 – Defeito na instalação elétrica: causando escuridão total;

4 – Defeito no Teatrofone . . .” só se ouvia guinchos . . .”

5 – Elevador enguiçado . . . o peixe preso . . .

Com a soma de todas estas falhas passamos a uma outra fase: necessidade de destruir a pompa desta civilização.

Gradação desta destruição

1 – O tédio de Jacinto.

2 – A cidade vista como uma ilusão: “. . . Cidade a maior das ilusões: . . . o que a cidade deteriora no homem é a inteligência, porque ou lha arregaça dentro da banalidade, ou lha empurra para a extravagância”.

3 – Frivolidade do meio social – o encontro com o marido da Madame de Oriel, que só aceitaria amante para sua mulher que fosse de seu meio social.

4 – Tomba no pessimismo.

RESUMINDO

1 – Exemplo de vida plena: *A cidade*

1ª experiência {
a cidade
centro máximo de cultura
Paris
o palácio nº 202

a) *Filosofia básica*:
Suma Ciência }
X } = Suma Felicidade
Suma Potência }

b) *Aplicação da filosofia* modificação 202
(notadas por José Fernandes: o elevador, a legião
de instrumentos, o conferençofone, a biblioteca, etc.)

c) *Inversão da filosofia*

Suma Ciência
|
| provocando
|
| Sumo fracasso = Suma instabilidade
| pena elétrica partida
| torneiras quebradas
| defeito na instalação elétrica
| teatofone produzindo guinchos
| elevador enguiçado

2 – UM ELEMENTO DE LIGAÇÃO DA CIDADE AO CAMPO

(cap. VIII)

a) Notícias de Tormes: o enterro dos ossos dos antepassados de Jacinto (arrastados por fortes chuvas)

b) Decisão de Jacinto: partir para Tormes
assistir a transladação

c) Preparatórios: encaixotando produtos da civilização
p/encontrarem o 202 nas serras

d) O incidente: desvio das malas = desvio do 202

e) Primeiro encontro com a serra: encantamento
descrições das belezas da serra

(OBS) Lembramos aqui que o estilo descritivo é condenado por Lukács, que não acreditava possuir o mesmo poder de retratar a realidade).

f) Oposições: Cidade X Serras
agitação paz
cozinha luxuosa bando de mulheres depenando frangos
contemplando a cidade: contemplando as serras:
multidão/pressa paz, tranquilidade

3 – VIDA NO CAMPO

2ª experiência { serras
representando um Portugal sadio
Tormes

a) Filosofia básica:

Suma felicidade = { vida em íntimo contacto c/natureza
sadia, plena.

b) aplicação da filosofia:

1 – Por acaso: desvio das malas

2 – Base para as modificações: o excesso (o desnecessário)

Ex: “tinha umas trintas escovas em Paris. E era uma atrapalhão, não me bastavam! Nunca em Paris andei bem penteado”.

Ex: “Os meus setenta mil volumes eram tantos que nunca li nenhum”.

Ex: “as ocupações; tanto me sobrecarregavam, que nunca fui útil”.

3 – José Fernandes acha que a vida no campo para Jacinto só poderá ser plena, pois ele possui os quatro elementos básicos: “ar, água, terra e dinheiro”.

Aplicação da filosofia por consciência:

Com a chegada das malas, limita-se a recolher alguns objetos.

OPOSIÇÕES

Almoço.no 202

X

aniversário de José Fernandes

4 – Passagem de Zé Fernandes por Paris

A CIDADE NÃO SE MODIFICOU:

202 – a mesma artificialidade

Personagens – as mesmas características (Madame Oriel, Duque Marizac)

Negação da cidade por Zé Fernandes:

“Adeusinho, até nunca mais! Na lama do teu vício e na poeira da tua vaidade, outra vez, não me pilhas!”

O PROCESSO DE COMPARAÇÃO E A NATUREZA

A linguagem, que se desenvolve sobre o modelo de comparação, só se realiza graças ao aspecto não apenas variável dos elementos comparados, porém também a um elemento constante: a natureza.

Destacamos alguns exemplos:

1 – Luxo na ornamentação do 202 – (na primeira fase do livro – Paris)

X

Simplicidade da casa na serra:

“... as três janelas, sem cortinas, contemplavam a beleza da serra, respirando um deleitado e macio ar...” (pág. 185)

2 – Adormecer: natureza X homem

“... Thomas dormia no esplendor da manhã...” “... na fadiga das duas horas de água (X 2 horas de viagem) adormecia sobre o divino bucolista (lia Virgílio) (pág. 187)

3 – Homem X planta = cidade X campo

“... o comparei a uma planta estiolada, emurchecida na escuridão, entre tapetes e sedas, que lavada para vento e sol, profundamente regada, reverdece, desabrocha e honra a natureza”.

Ainda temos adjetivações que se baseiam neste processo de comparação:

“Já não corcovava. Sobre a sua arrefecida palidez de supercivilizado, o ar montesino, espalhara um rubor trigueiro”.

4 – Adaptação }
X } ao novo ambiente
Inadaptação }

Observando o criado (Grilo)

“... a sua veneranda fase já não respandecia, como em Paris...”

5 – Cidade: repetição: campo: novidade

“Na natureza nunca eu descobrira um contorno feio ou repetido: ... Na cidade, pelo contrário, cada casa repete servilmente a outra casa; todas as faces reproduzem a mesma indiferença, ou a mesma inquietação; as idéias têm todas o mesmo valor ... A mesmice – eis o horror das cidades”. (pág. 194)

6 – Tanger de sinos X piar de pássaros

“... o sino tangia na enevoadada doçura da manhã – quanto fina e levemente! – como pia um passarinho triste

7 – Encontramos, no texto abaixo, um resumo de adaptação de Jacinto à natureza ... “eu assisti, com enternecido interesse, a uma considerável evolução de Jacinto nas suas relações com a natureza ...

{ 1º período – sentimental de contemplação
X
{ 2º período – desejo de ação

de tanto *comentar*, aspirava *criar*”

Mais exemplos seriam desnecessários para nosso objetivo, que é, neste caso, apenas aflorar um traço na linguagem de Eça, nesta parte de seu livro CS que Jacinto vive nas serras.

Centrar-se sobre a “natureza”, em tal caso, é descentrar-se da civilização”, e, mesmo ao nível da linguagem, parece-nos ser clara esta divisão em CS.

E como o traço característico da obra é a oposição cidade X campo;

E como o objetivo principal é depositar na vida simples do campo a única possibilidade de realização plena;

Dois planos foram desenvolvidos:

1º) Aniquilamento da civilização, com o aparato de seus elementos e as cômicas falhas do sistema, que levam o homem a um declínio, a uma constituição pálida e pessimista.

2º) O enaltecimento da natureza com a gradativa realização física e mental do homem, que levam-no à prosperidade e à frutificação.

E, neste segundo plano, cabe ao processo de comparação uma importante função na estrutura da linguagem.

Temos, portanto, em CS a síntese e dois tipos de sociedade:

a) Na cidade (Paris) encontramos os traços de um luxo excessivo, de uma futilidade constante, que ninam a natureza, que fazem do homem um produto artificial;

b) No campo uma vida mais pura, não só pelo encontro com a natureza, (destacamos ao nível da linguagem), mas também pelo reencontro do homem em si mesmo e/ou pelo afastamento dele daquela sociedade decadente e artificial.

Firma-se CS como uma síntese de vida: na tradicional sociedade rural, nos bons exemplos do passado, a certeza de uma vida tranquila e próspera.

Nos romances OM e ICR Eça também nos remete a esta predominância dos traços puros e seguros dos antepassados de Carlos e Gonçalo, como verdadeira antítese de vida que estes personagens representam.

3 – CONCLUSÃO

1 – Pretendemos, após a leitura de algumas obras de Eça, (CPA, OPB, OM, ICR, CS), quando tentamos uma abordagem (experimental), estudando-as em grupos, formulamos um entendimento da construção artística de Eça de Queirós.

Para isto, escolhemos dos romances um traço: a constante presença de crítica social.

Segundo a época de Eça de Queirós agitada por profundas transformações sociais, estando o autor inscrito nesta realidade, atuando como verdadeiro revoltado contra a decadência político-social de sua pátria, refletem suas obras e preocupação de uma busca constante de novos caminhos. (Ou pelas críticas, ou pelas sugestões que se encontram por trás de seu estilo irônico).

Desta forma, concluiríamos pela projeção deste estado de questionamento, destas críticas agudas, na construção dos romances analisados de Eça.

Fazemos, entretanto, uma separação: entre identificar a obra de Eça de Queirós como crítica à estrutura político-social da época e, considerá-la resultado, puro e simples, desta mesma época.

Nota-se, facilmente, que cada livro não se encerra em si, como uma verdadeira tese socialista; ao contrário, libertam-se dos limites estreitos do discurso, projetam-se, com plenitude de sentido.

Qual a causa disto?

2 – Pelo menos duas.

A primeira é que cada romance tem uma estruturação nova, mas une-se, por diversos traços, aos outros, que completem em grupos posições críticas do artista.

Há o desenvolvimento de um processo de metaforização de tal intensidade, (Gonçalo: Afonso:: os dois estão para imagens de Portugal; Amaro: padre s/vocação – maus padres: religiosidade podre, etc.), que não se pode fazer de seus romances meras aproximações e lugares-comuns (pobreza, riqueza, o viciado, etc.).

Os romances desenvolvem uma relação profunda e, com as sequências da narrativa, apóiam-se, amplificam-se ao significado de crítica social.

A segunda é que o socialismo apreendido da construção de Eça, não chega a representar a aplicação clara da teoria marxista.

Não vemos, nestas obras, o tríplice relacionamento: “Obra literária, autor e grupo social” perfeitamente fundidos, pois parece-nos entrar na ótica do autor o “sentimentalismo luso”, que o faz afastar-se desta completa identidade, buscando, inclusive, na própria tradição de seu país, as possibilidades de um reajustamento social.

Acreditamos, que as obras de Eça não sejam reflexo de um “ideal revolucionário”, mas de um “espírito revoltado”, que agride o grupo social decadente e abre horizontes para um re/encontro do equilíbrio nos próprios exemplos do antigo Portugal.

3 – Nesse ponto, formulemos o prometido entendimento da construção artística de Eça.

Consiste a atividade criadora num esforço de colher o mais possível do que nos oferece o real disposto; o real disposto que está no próprio objetivo do artista. Neste sentido, toda literatura é realista: não o é, porém, aquela que, acreditando-se realista, só tem olhos para a tese de que parte e o que chega a desenvolver. Para esta escapa o caminhar das transformações e, pois, também, o real.

Não se percebe na obra de Eça um ideal político, pois não cabe ao artista transformar o mundo.

Destacam-se quadros de uma sociedade que passava por profundas transformações e, por vezes, a indicação do passado, das tradições portuguesas, como o caminho, como um exemplo.

4 – Visto que a atitude do artista consiste num colher, vejamos em que consiste a atividade da leitura, em que consiste o ler.

Ler e colher têm sentidos afins. O que o artista colhe do real, se recolhe (= 1) na leitura. A análise atenta dos romances de Eça remete-nos para um campo que se desenha por trás das situações cômicas e do estilo irônico, apresentados em todos os seus romances.

5 – O nível sociológico transforma-se em traço importante na obra de Eça, não só por sua posição socialista, mas, principalmente, por refletir todas as profundas transformações por que passava a sociedade portuguesa, em fins do século XIX.

6 – Por aqui fechamos (abrimos?) nossas observações, colheita que fizemos, lendo CPA, OPB, ICR e CS.

BIBLIOGRAFIA

- 1 – Goldmann, Lucien. *Sociologia do romance*. Rio, Ed. Paz e terra, 1967.
- 2 – Lukács, Georg. *Marxismo e teoria da literatura*. Rio, Ed. Civilização Brasileira, 1968.
- 3 – Lukács, Georg. *Realismo Crítico hoje*. Brasília, Coordenada – Editora de Brasília 1969.
- 4 – Lukács, Georg. *Ensaio sobre literatura*. Rio, Ed. Civilização Brasileira, 1965.
- 5 – Cândido, Antônio. *A personagem de ficção*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1968.
———. *Tese e antítese*.
- 6 – Todorov, Tzvetan. *Théorie de la littérature*. Textes des formalistes russes. Paris, Seuil, 1965.
- 7 – ——— e Duerot, Oswald. *Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*. Paris, Seuil, 1972.
- 8 – Barthes, Roland e outros. *Literatura e semiologia*. Rio, Ed. Vozes, 1971.
- 9 – Riffaterre, Michael. *Estilística estrutural*. S. Paulo, Cultrix, 1971.
- 10 – Lins, Álvaro. *História literária de Eça de Queirós*. Rio, ed. Cruzeiro, 1963.
- 11 – Bernardinelli, Cleonice. *Para uma análise estrutural da obra de Eça de Queirós*.
- 12 – Russel, Bertrand. *História da filosofia ocidental*. S. Paulo, Ed. Nacional, 1957. (volume III)
- 13 – Queirós, Eça de. *O crime do padre Amaro*. Porto, Ed. Lello, 1951.
———. *O primo Basílio*.
———. *Os Maias*.
———. *A ilustre casa de Ramires*.
———. *A cidade e as Serras*.
———. *Últimas páginas*.